

O clima em transformação e opções energéticas inovadoras para o Brasil

PASSOS, Mauro; SCHEIDT, Paula. "O clima em transformação e opções energéticas inovadoras para o Brasil". Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 2013.

Mal o ano começou e, mais uma vez, os noticiários destacam os danos sociais, ambientais e econômicos causados por eventos climáticos. Enquanto no Rio de Janeiro o excesso de chuvas afetou milhares de pessoas, no Nordeste a falta delas nos últimos meses deixou centenas de municípios em situação de emergência e trouxe complicações para o abastecimento energético do país.

A escassez de chuvas fez com que os reservatórios do Nordeste alcançassem um nível crítico em janeiro (menos de 30% da capacidade). Nos últimos meses de 2012, os reservatórios das principais hidrelétricas do país já haviam caído para menos da metade - o menor volume de armazenamento em 10 anos.

Estudos sobre as alterações no clima decorrentes do aquecimento global apontam uma tendência de aumento na frequência e intensidade de fenômenos como esses: secas no Nordeste e chuvas fortes em algumas regiões do Sudeste e Sul do país.

"Praticamente em todas as bacias hidrográficas do Brasil a tendência é de diminuição das vazões, inclusive nas regiões em que os modelos indicam um aumento das precipitações. Nesses casos a diminuição das vazões é decorrente das perdas por evapotranspiração causada pelo aumento da temperatura", afirmam os pesquisadores do estudo "Economia da Mudança do Clima no Brasil: Custos e Oportunidades".

Investimentos em novas fontes energéticas, que ajudem na diversificação na matriz energética, são o melhor caminho para reduzir os custos que tais previsões podem trazer para o país.

Além de seguir com a expansão em eólicas e biomassa, esse panorama reforça a importância de incluir a geração solar no mix energético do Brasil. A energia fotovoltaica, vista como uma das mais caras, está muito abaixo dos custos atuais das termoeletricas, que tem sido a saída para garantir o abastecimento energético do país em meses de seca.

Segundo estimativas da Abrace (Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres), o acionamento das térmicas por segurança energética custou aos consumidores do país R\$ 900 milhões em dezembro, o maior valor do ano, com previsão de que fecharia 2012 entre R\$ 1,7 e R\$ 1,8 bilhões.

Quando há mais sol que chuva, por que não utilizá-lo em nosso favor, produzindo energia a partir da geração fotovoltaica em complementação às outras fontes da nossa matrix ou mesmo para aliviar a demanda nos momentos de pico?

A boa notícia é que os primeiros passos já foram dados em 2012 e começam pela geração distribuída. Desde o dia 15 de dezembro último, as distribuidoras devem estar preparadas para receber o pedido de instalação de micro ou minigeração, conforme previsto na resolução normativa da ANEEL nº 482/2012, publicada em abril de 2012. Essa resolução reduz as barreiras para a conexão à rede de distribuição de geradores de energias renováveis com até 1MW de potência, além de criar um sistema de compensação de energia.

Assim a expectativa é que 2013 seja um ano de descobertas para consumidores residenciais, comerciais e pequena indústria sobre as vantagens de ter um sistema em sua própria edificação. As grandes e médias empresas também têm um papel fundamental no combate às mudanças climáticas, principalmente no que tange à fonte energética que escolhem.

Na hora de decidir em qual projeto energético investir, precisam lembrar que a população está cada dia mais atenta e exigente quanto à cadeia produtiva da companhia da qual costuma comprar. Ao investir em um projeto de geração fotovoltaica, por exemplo, a empresa está dando um bom exemplo de que é possível promover mudanças.

Antes de dizer não à energia solar, pense no tamanho da conta de luz da sua empresa. Se a empresa X, por exemplo, tem um custo mensal de 100.000 reais com energia elétrica, pensar em investir 1.000 reais mensais para ter um sistema fotovoltaico conectado à rede de distribuição (e assim, reduzir a conta de luz), seu impacto econômico seria muito pequeno frente aos benefícios e retorno de imagem junto ao seu público.

A geração solar é só um passo e um exemplo de muitas ações inovadoras que podem e devem ser tomadas pelo mundo corporativo. O cenário internacional de negociações climáticas reforça o papel essencial das empresas como propulsoras das alterações necessárias nos modelos de negócios para frear as mudanças ambientais e climáticas atuais. Por isso, é imprescindível que haja um engajamento empresarial para que as urgentes transformações cheguem a tempo de manter a nossa qualidade de vida nesse planeta.

Mauro Passos é presidente do Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas na América Latina. Paula Scheidt é gerente de projetos do Instituto para o Desenvolvimento de Energias Alternativas na América Latina